



A Reforma do Ensino Médio em São Paulo - a percepção dos estudantes

Palavras-Chave: Ensino Médio, Juventude, Escola Pública.

Autores(as):

Daniel Mesquita da Silva, Giovanna Batista Urubatan Reis, Nicolas Carvalho Lacerda.

Prof^ª. Dr^ª. Dirce Djanira Pacheco e Zan (orientadora), FE-UNICAMP

INTRODUÇÃO:

Este estudo investigou a implementação da reforma do ensino médio em três escolas públicas da região de Campinas (SP). Essa reforma foi proposta em âmbito federal a partir de uma medida provisória no governo de Michel Temer e consolidada através da lei nº 13.415/2017. Segundo seus formuladores, tem como um dos objetivos centrais, tornar o ensino médio mais ‘atraente’ ao público jovem, através de uma educação mais flexível e voltada para a formação profissional das novas gerações, apontando para um anseio de profissionalização massiva do ensino secundário. Estudos apontam que desde a implementação a partir de 2022, houve um agravamento das condições de estudantes do ensino público, aprofundando as dificuldades de acesso a um ensino de qualidade e intensificando a desigualdade educacional da juventude brasileira.

Essa pesquisa teve como foco o Novo Ensino Médio no estado de São Paulo e a percepção dos jovens estudantes. Ocorreu a partir do levantamento empírico realizado por três estudantes do ensino médio nas escolas estaduais em que estudavam. Desta forma, buscou-se compreender os impactos da Reforma na aprendizagem e na vida de estudantes dessas três instituições localizadas na região de Campinas (SP), ou seja, a E. E. Adoniran Barbosa, E. E. Prof. Newton Pimenta Neves e E. E. Residencial São José.

METODOLOGIA:

O estudo partiu primeiramente de um levantamento bibliográfico sobre a reforma do ensino médio, buscando compreender tanto os meandros das mudanças do ensino secundário como suas articulações com outras reformas neoliberais. Dentre o material levantado para a construção da compreensão do que se consolidou a partir do Novo Ensino Médio estão entrevistas como as realizadas por Jacomini (2022), notícias de jornais sobre o assunto, como a matéria d’O Globo (2023) sobre aulas

inesperadas no ensino secundário, e documentos técnicos como o que foi produzido pela REPU (2022). Esse material contribuiu para o entendimento do impacto da reforma do ensino médio expresso, em especial, no agravamento das desigualdades educacionais.

A equipe de pesquisadores - bolsistas PIBIC-EM, bolsista PIBIC-monitor e professora orientadora - realizou estudos para a definição dos melhores instrumentos de coleta de dados tendo como referência as obras de Alonso (2016) e de Lima (2016). Definiu-se então pelo uso de questionários para se alcançar as percepções dos sujeitos da escola. Após a elaboração de um questionário via *google forms*, ele foi distribuído entre os estudantes do ensino médio nas três escolas investigadas. O questionário foi elaborado a partir de três temas de interesse da pesquisa: trajetória escolar do estudante, seu conhecimento sobre a reforma do ensino médio e sua opinião sobre ela.

RESULTADOS E DISCUSSÃO:

Em comum, é possível afirmar que nas três escolas os alunos apresentam certa indignação sobre as mudanças advindas do Novo Ensino Médio. Quando perguntado sobre como avaliavam o NEM como um todo, prevalece a opinião de ‘ruim e péssimo’ dividida da seguinte forma: 92,3% na E. E. Residencial São José, 80,5% na E. E. Prof. Newton Pimenta Neves e 73% na E. E. Adoniran Barbosa.

Apesar de apontarem para um problema comum, existe ainda uma diferença sobre a indignação dos jovens entre as escolas, isso se deve, a partir da análise dos dados, às condições possibilitadas pelas escolas e pela particularidade do itinerário formativo oferecido nas diferentes instituições. Para essa análise foi determinante a inserção dos pesquisadores enquanto estudantes destas escolas, proporcionando uma análise do próprio pesquisador enquanto estudante, que pode deflagrar a partir das discussões coletivas as diferenças das condições de estruturação do Novo Ensino Médio, além de discutir sobre os diferentes itinerários formativos dispostos nas escolas.

Quando analisada a opinião dos estudantes sobre os itinerários formativos fica evidente essa diferença: nas escolas E. E. Residencial São José e E. E. Prof. Newton Pimenta Neves, a opinião de bom/ótimo sobre os itinerários ficam em 11,5% e 7,3%, enquanto que na E. E. Adoniran Barbosa a mesma opinião foi de 46,8% entre os estudantes. Dentre as justificativas dos alunos da E. E. Adoniran Barbosa, é possível observar que essa opinião torna-se comum entre os estudantes que fazem o itinerário “Cultura e Solo”, que desenvolve atividades práticas tais como a de construção de uma horta, algo que fugiu dos padrões fechados da sala de aula e abriu experiências novas para os alunos no ambiente escolar, como exemplificado em uma das respostas do questionário: “Tivemos muitas aulas práticas saindo do ambiente fechado da sala de aula e adquirindo conhecimentos mais abrangentes e visíveis, para estudar o solo precisamos ter contato com ele. E graças a essas aulas nós tivemos”.

Os alunos têm apontado para a falta de conteúdo nas novas disciplinas e um despreparo dos professores em ministrar essas matérias. Isso pode ser explicado pela imposição da administração pública sobre as instituições, que precisaram se adaptar para consolidar o que foi proposto, mesmo sem as condições necessárias para tais mudanças, como relatado no depoimento de um aluno da escola E. E. Residencial São José: “Não temos o contraturno, estamos sem Projeto de Vida, Artes, Inglês, Eletiva, Tecnologia. Sinto que estão tirando aos poucos o que precisamos de fato saber e nos empurrando guela a baixo assuntos que não tem necessidade ou são do interesse de terceiros. O que alimenta esse pensamento é o fato de que ninguém fala com clareza sobre o que está acontecendo, parece que nem a própria escola tem consciência do que é o novo ensino médio.”

A indignação mais comum entre os jovens é a de que a escola agora não é planejada para um futuro de seus estudantes nas faculdades, porque enquanto as novas disciplinas ocupam significativo espaço na semana, matérias essenciais na preparação para os vestibulares são eliminadas progressivamente até o terceiro ano.

Estes problemas são interpretados por eles como elementos fundamentais para o agravamento da desigualdade educacional Segundo seus relatos, este Novo Ensino Médio não é pensado para estudantes de baixa renda, o aumento da carga horária e a construção do contraturno vão em direção oposta ao acesso à educação, conforme expresso por um estudante da E. E. Prof. Newton Pimenta Neves: “Porque as matérias não condiz com a verdadeira realidade dos alunos de baixa renda que vai a escola, essas matérias não ajudam no enem, o contraturno é uma verdadeira falta de respeito com os alunos que faz coisas além de ir pra escola, o novo ensino médio não pensa em adolescentes de baixa renda que precisam trabalhar para ter comida na mesa e nem ao menos dão suporte para esse tipo de gente”.

CONCLUSÕES:

O Novo Ensino Médio foi implementado de formas diferentes em cada escola analisada durante o projeto, porém, apesar dessas diferenças, ainda se mantém um sentimento de perda comum entre os jovens, tanto quanto observado pela posição ocupada pelas disciplinas novas, mas principalmente na diminuição de matérias já existentes e na falta de condições para a efetivação das mudanças propostas. O único ponto que foge do padrão é afirmado na particularidade que se propôs no itinerário relacionado à “Cultura do Solo”, mas o mesmo não justifica nenhum ganho com a reforma, mas simplesmente que o espaço escolar, desde antes da reforma, não se propunha a construção de experiências fora da sala de aula.

Dessa forma, o Novo Ensino Médio é sentido pela juventude brasileira como uma perda de qualidade do ensino e de oportunidades de aprendizagem, construindo barreiras para o acesso à escola da juventude de baixa renda. É também compreendido como precarização do ensino público, ao reduzir o

espaço para matérias importantes na educação dos jovens e abrir espaço para matérias que relacionam-se aos interesses de mercado, seja por matérias profissionalizantes ou pela elaboração de projetos voltados para um futuro trabalhador que esteja em conformidade com a precarização do mercado. O ensino médio deixa assim de ser um espaço de construção da juventude para alimentar uma lógica desumanizadora da formação, sucateando o ensino público e limitando as oportunidades de jovens das classes trabalhadoras quanto às perspectivas de um futuro melhor.

BIBLIOGRAFIA

- ALONSO, Angela. Métodos qualitativos de pesquisa: uma introdução. In Cebrap (Org.), Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais: Bloco Qualitativo. São Paulo: Sesc/São Paulo, Cebrap, 2016, p. 8-23.
- Após reforma do ensino médio, alunos têm aulas de 'O que rola por aí', 'RPG' e 'Brigadeiro caseiro'. O GLOBO, fev. 2023. Brasil. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/noticia/2023/02/aula-de-rpg-ou-de-cuidados-com-o-pet-professor-es-e-pais-criticam-disciplinas-inusitadas-do-novo-ensino-medio.ghtml> (Acesso em: 26 de jul. de 2023)
- JACOMINI, Márcia Aparecida. Novo Ensino Médio na Prática: a implementação na maior rede de ensino do país. Guarulhos-SP: Retratos da Escola, 2022.
- LIMA, Márcia. Introdução aos métodos quantitativos em Ciências Sociais In Cebrap (Org.), Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais: Bloco Quantitativo. São Paulo: Sesc/São Paulo, Cebrap, 2016, p. 10-31.
- REDE ESCOLA PÚBLICA E UNIVERSIDADE. Novo Ensino Médio e indução de desigualdades escolares na rede estadual de São Paulo [Nota Técnica]. São Paulo: REPU, 02 jun. 2022. Disponível em: www.repu.com.br/notas-tecnicas.